

**CONTRIBUIÇÕES DO DISCURSO DO SUJEITO
COLETIVO EM PESQUISAS NA ÁREA DE ENSINO:
DA TEORIA À PRÁTICA**



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA



Reitora
Prof.^a Titular Maysa Furlan

Pró-reitor
Prof. Titular Cesar Martins

Pró-reitora de Graduação
Prof.^a Titular Celia Maria Giacheti

Pró-reitora de Pós-Graduação
Prof.^a titular Maria Valnice Boldrin

Pró-reitor de Pesquisa
Prof. Titular Edson Cocchieri Botelho

Pró-reitor de Extensão e Cultura
Prof. Titular Raul Borges Guimarães

Pró-Reitoria de Planejamento Estratégico e Gestão
Prof. Titular Edson Antonio Capello Sousa

FACULDADE DE CIÊNCIAS

Diretora
Prof.a. Titular Vera Lucia Messias Fialho Capellini

Vice-Diretor
Prof. Titular José Remo Ferreira Brega

Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência

Coordenador

- Prof. Assoc. Nelson Antonio Pirola

Vice-Coordenador

- Prof.a. Dra. Luciana Maria Lunardi Campos

Membros Titulares

- Prof. Dr. Leandro Londero da Silva
- Prof.a. Dra. Luciana Massi
- Prof. Assoc. Nelson Antonio Pirola
- Prof.a. Dra. Luciana Maria Lunardi Campos
- Fabiano Willian Parma (Representante Discente)

Membros Suplentes

- Prof. Assoc. Roberto Nardi
- Prof.a. Dra. Ana Carolina Biscalquini Talamoni
- Prof.a. Dra. Isabel Cristina de Castro Kondarzewski
- Prof. Assoc. Renato Eugênio da Silva Diniz
- Hinan Tsai Sun (Representante Discente)

Seção Técnica de Pós-Graduação

Supervisora

Leticia Lopes Veronez

Assessora do Programa

Yasmin de Leon Martins Leite

Série Educação para a Ciência Conselho Editorial

Prof. Adj. Roberto Nardi (Coordenador) – (UNESP/FC)
Prof.a. Dra. Adjane da Costa Tourinho e Silva (UFS)
Prof. Dr. Aguinaldo Robinson de Souza (UNESP/FC)
Prof. Dr. Arthur Galamba (Kings' College – Londres – Inglaterra)

Prof.a. Dra. Daise Chapani (UESB)
Prof.a. Dra. Daniela Melaré Vieira Barros (U. Aberta – Lisboa – Portugal)

Prof.a. Dra. Divanísia do Nascimento Souza (UFS)
Prof. Dr. Edwin Germán García Arteaga (U. del Valle – Cáli – Colômbia)

Prof.a. Dra. Fernanda Cátia Bozelli (UNESP/FEIS)
Prof. Dr. Fernando Bastos (UNESP/FC)

Prof.a. Dra. Isabel Cristina de Castro Kondarzewski (UNESP/FEG)

Prof.a. Dra. Isabel Malaquias (U. Aveiro – Portugal)
Prof.a. Dra. Maria Jose P. M. de Almeida (Unicamp)

Prof. Dr. Maurício Compiani (Unicamp)
Prof. Dr. Nelson Antônio Pirola (Unesp/FC)

Prof.a. Dra. Nicoletta Lanciano (U. La Sapienza – Roma – Itália)

Prof.a. Dra. Odete Pacubi Baierl Teixeira (UNESP/FEG)

Prof.a. Dra. Olga Lucia Castiblanco Abril (UDFJC – Bogotá – Colômbia)

Prof. Adj. Renato Eugênio da Silva Diniz (UNESP/IBB)
Prof. Dr. Rodolfo Langhi (UNESP/FC)

Prof.a. Dra. Sandra Regina Teodoro Gatti (UNESP/FC)
Prof.a. Dra. Veleida Anahi Silva (UFS)

Faculdade de Ciências - UNESP - Campus de Bauru

Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01 –
Vargem Limpa

Cep: 17033-360 - Bauru - SP

Fone: (14) 3103-6000

Fax: (14) 3103-6074

Home-page: <http://www.fc.unesp.br>

Educação para a Ciência
37º Volume

**CONTRIBUIÇÕES DO DISCURSO DO SUJEITO
COLETIVO EM PESQUISAS NA ÁREA DE ENSINO:
DA TEORIA À PRÁTICA**

ORGANIZADORES
BEATRIZ S. C. CORTELA
FERNANDO LEFEVRE



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora

São Paulo, 2025

Copyright © 2025 Organizadores
1ª Edição

Direção editorial: José Roberto Marinho

Capa: Fabrício Ribeiro

Diagramação: Fabrício Ribeiro

CULTURA
ACADÊMICA
Editora

Cultura Acadêmica
Praça da Sé, 108
Cep: 01001-900
São Paulo - SP
Tel.: (11) 3242-7171
www.culturaacademica.com.br



Editora Livraria da Física
www.livrariadafisica.com.br
(11) 3815-8688 | Loja do Instituto de Física da USP
(11) 3936-3413 | Editora

Edição revisada segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Contribuições do discurso do sujeito coletivo em pesquisas na área de ensino: da teoria à prática / organização Beatriz S. C. Cortela, Fernando Lefevre. – São Paulo: LF Editorial, 2024. – (Educação para a ciência; 37). Cultura Acadêmica, 2025.

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-5563-521-8 (Livraria da Física)

ISBN 978-65-5954-560-5 (Cultura Acadêmica)

1. Ciências da natureza - Estudo e ensino 2. Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) 3. Educação - Métodos 4. Matemática - Estudo e ensino I. Cortela, Beatriz S. C. II. Lefevre, Fernando. III. Série.

24-242516

CDD-370

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação 370

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida sejam quais forem os meios empregados sem a permissão da Editora.

Aos infratores aplicam-se as sanções previstas nos artigos 102, 104, 106 e 107 da Lei Nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998

SUMÁRIO

	Apresentação.....	7
	FERNANDO LEFEVRE	
CAPÍTULO 1	O Discurso do Sujeito Coletivo e suas classes.....	15
	FERNANDO LEFEVRE	
CAPÍTULO 2	O Discurso do Sujeito Coletivo como técnica analítica em pesquisas no Ensino de Ciências.....	25
	TARSO BORTOLUCCI FERRARI BEATRIZ S. C. CORTELA	
CAPÍTULO 3	Discurso do Sujeito Coletivo e sua contribuição para a compreensão de concepções sobre Currículo por professores(as) da Educação Básica.....	49
	PATRÍCIA VECCHIO GUARNIERI	
CAPÍTULO 4	Representações sociais de graduandos(as) em Física a respeito da liberdade na pesquisa acadêmica.....	77
	CRISTIAN OTÁVIO LIMA	
CAPÍTULO 5	Os DSC relativos às concepções de Ciência de licenciandos(as) em Física em uma pesquisa sobre a utilização de filmes como recurso didático.....	107
	LUCAS HENRIQUE TAVANO	
CAPÍTULO 6	Contribuições do Estágio de Docência em cursos de Pós-graduação na perspectiva de alunos(as) bolsistas.....	135
	GABRIELA OLDANE GEBARA BEATRIZ S. C. CORTELA	
CAPÍTULO 7	DSC de futuros(as) pedagogos(as) sobre as aprendizagens matemática obtidas no Ensino Fundamental e Médio: apontamentos teóricos e realidade.....	159
	ALINE PEREIRA RAMIREZ BARBOSA BEATRIZ S. C. CORTELA	

CAPÍTULO 8 Os impactos do distanciamento social na qualidade de vida de docentes e as principais de contribuições e desafios das atividades de ensino virtuais	183
MARIA LARA SIMÕES LOZOVOI BEATRIZ S. C. CORTELA	
Sobre os autores	205

APRESENTAÇÃO

Fernando Lefevre¹

Para que o pensamento das coletividades ganhe maioria é preciso que ele deixe apenas de ser falado e passe a falar; ou seja, deixe de ser objeto do discurso alheio e passe a ser sujeito de um discurso próprio. Esse o objetivo maior do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC): exprimir o que pensa uma coletividade, na primeira pessoa do singular, dentro de um rigor científico.

Hoje, como seu criador, vejo o DSC como uma metodologia de análise amadurecida, com um conjunto ajustado e coerente de ferramentas que possibilitam dar voz às coletividades de todo tipo e tamanho, para que possam se apresentar, diretamente, como portadores de visões e representações sobre os mais variados temas e problemas que as envolvem e afetam.

Este livro é uma forma de acesso à metodologia do DSC, no qual se busca apresentar uma visão geral, abrangente e sintética da proposta, que se encontra hoje dispersa num volume significativo de publicações ao longo dos mais de vinte anos da sua criação, nos fins dos anos 1990. Os textos aqui apresentados passaram por uma leitura rigorosa, tendo eu participado das bancas de mestrado e doutorado da maioria deles. Considero que a forma como os autores procederam as análises atendem completamente ao proposto na abordagem metodológica por nós criada.

Esta obra é dedicada à divulgação do método do DSC, por meio de oito excertos de pesquisas realizadas junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência, oferecido pela Faculdade de Ciências do campus de Bauru, da Universidade Estadual Paulista (UNESP). A ideia foi a de descrever como a mesma foi utilizada por diferentes investigadores, visando possibilitar o aprofundamento de conhecimentos sobre o DSC enquanto abordagem metodológica e seu impacto no campo da Educação e

1 Professor Titular da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. Criador do método do Discurso do Sujeito Coletivo e DSC soft. Foi bolsista de produtividade do CNPQ até fevereiro de 2016 e membro do GT de Comunicação Social da ABRASCO. Presidente do Instituto de Pesquisa do Discurso do Sujeito Coletivo.

do Ensino de Ciências da Natureza e Matemática, permitindo uma análise mais contextualizada das vozes coletivas presentes nas práticas educativas, revelando significados e perspectivas compartilhadas pelos sujeitos envolvidos, bem como a mensuração desse compartilhamento.

Compreendo tratar-se de uma inovação, no sentido de que essa abordagem, inicialmente desenvolvida para área de Saúde, tem sido bem utilizada na área de Ensino pela organizadora deste livro, que tem orientado dissertações e teses em seu grupo de pesquisa com base neste referencial metodológico. A metodologia aplica-se às pesquisas empíricas envolvendo Representações Sociais relativas a todas as áreas do conhecimento humano, tanto as de Ciências Humanas com as de Ciências Exatas e Naturais.

O livro traz estudos e reflexões de pesquisadores(as), além de casos práticos que exemplificam a aplicação do DSC em diversas pesquisas na área de Ensino, fornecendo uma gama de exemplos para aqueles interessados em compreender e utilizar o DSC como uma técnica promissora de pesquisa no campo das Ciências Humanas. Cada pesquisador(a) procedeu sua forma de sistematização e análise de seus dados de maneira muito criteriosa, mantendo a essência da teoria, mas também apresentam singularidades.

A ideia foi a de descrever como esta foi utilizada por diferentes investigadores, visando possibilitar o aprofundamento de conhecimentos sobre o DSC enquanto abordagem metodológica e seu impacto no campo da Educação e do Ensino de Ciências da Natureza e Matemática, permitindo uma análise mais contextualizada das vozes coletivas presentes nas práticas educativas, revelando significados e perspectivas compartilhadas pelos sujeitos envolvidos.

Nos diversos capítulos são explorados o histórico, as bases teóricas, os conceitos centrais da metodologia e algumas aplicações do DSC em diferentes contextos, ilustrando sua relevância para a produção de conhecimento científico. O objetivo deste livro é apresentar recortes de pesquisas realizadas na área de Ensino de Ciências e Matemática, que usaram como referencial metodológico as técnicas do DSC, sem a utilização de *softwares*.

Dar voz ao pensamento de coletividades, permitindo, por meio de pesquisa empírica, que elas se expressem enquanto conjunto de agentes

ou atores sociais, constitui um passo apenas inicial para o conhecimento desse pensar coletivo, já que, obviamente, entendê-lo em sua complexidade imanente requer muito mais do que isso.

Trata-se de um passo inicial, de um mediador para o acesso ao pensamento de coletividades, que é primário, porém necessário, como se buscará sugerir aqui, uma vez que se acredita que os modos habituais de acesso a tal pensamento, por meio de pesquisas empíricas, promovem importantes alterações na sua matéria bruta, em desfavor de seu caráter intrinsecamente narrativo.

Discurso do sujeito coletivo: um breve histórico

O Discurso do Sujeito Coletivo foi criado no fim dos anos 1990, sendo que sua primeira produção bibliográfica foi o livro publicada pela EDUCS de Caxias do Sul no ano 2000. Nesses mais de 20 anos de existência, foram publicados, sobre o método e seus *softwares*, *Qualiquantisoft* e *DSCSoft*, pelos autores da metodologia, uma dezena de livros e um significativo número de artigos em revistas acadêmicas especializadas.

Foram ainda publicados sobre o método e seus produtos, por diferentes autores, mais de uma centena de artigos científicos e um número significativo de pesquisas usando a metodologia. Uma pesquisa no Google Acadêmico com os títulos “Discurso do Sujeito Coletivo” e “*Discourse of the Collective Subject*” revela um número expressivo de artigos e pesquisas que utilizaram a metodologia como referencial metodológico. Pode-se também pesquisar Discurso do Sujeito Coletivo na SCIELO.org e se encontrará, igualmente, uma quantificação importante de trabalhos sobre o método.

Um quantitativo de publicações sobre o DSC pode ser encontrado no último livro² sobre o método. Outra fonte importante que relata trabalhos e pesquisas sobre a metodologia encontra-se no Currículo Lattes de Fernando Lefevre³.

As buscas sobre o DSC vão revelar que a maioria dos trabalhos e pesquisas que utilizaram a metodologia pertencem à área de Saúde, em

2 Lefevre, Fernando. **Discurso do sujeito coletivo. Nossos modos de pensar no eu coletivo.** São Paulo, Andreoli, 2017.

3 <http://lattes.cnpq.br/1616277652306428>

especial de Saúde Pública. Tal fato não tem relação intrínseca com a metodologia e se explica pelo fato de ela ter sido criada no campo da Saúde Pública ou Coletiva.

Mas, como um número também expressivo de trabalhos e pesquisas revela, a metodologia aplica-se a pesquisas empíricas envolvendo Representações Sociais relativas a todas as áreas do conhecimento humano, tanto as de Ciências Humanas como as de Ciências Exatas e Naturais. É o caso dos recortes de pesquisas aqui apresentados, todos resultados de pesquisas realizadas num mesmo Programa de Pós-Graduação, no âmbito da área de Ensino, mais especificamente, sobre Ciências da Natureza.

O objetivo maior deste livro é apresentar recortes de pesquisas realizadas na área de Ensino de Ciências e Matemática, usando como referencial metodológico as técnicas do DSC, sem a utilização de *softwares*. Cada pesquisador(a) procedeu sua forma de sistematização e análise de seus dados de maneira muito criteriosa, mantendo a essência da teoria, mas também apresentam singularidades.

No primeiro capítulo, intitulado **O Discurso do Sujeito Coletivo e suas classes**, exploro os elementos centrais desse referencial metodológico no que diz respeito às diferentes classes: de indivíduos, de discursos, de elementos semelhantes, na ideia de apresentar como organizar os dados partindo de um quebra-cabeças peculiar até chegar a uma história fidedigna e convincente, contemplando as diferentes camadas de sentidos, de modo pessoal ou com o auxílio de *softwares*, especificamente elaborados para esse fim.

Cortela e Ferrari, em seu texto **O Discurso do Sujeito Coletivo como técnica analítica em pesquisas no Ensino de Ciências**, exploram aspectos da pesquisa realizada por Ferrari em 2019. Ela teve como temática os motivos para ingresso e permanência num curso (2013), além do direcionamento profissional de recém-egressos do curso de Licenciatura em Química do campus da Unesp de Araraquara (2017). O objetivo do respectivo capítulo foi o de discutir e analisar as contribuições da utilização da técnica do DSC em pesquisas em Ensino de Ciências, bem como dar um exemplo da utilização desta para a área. Para tanto, foram realizados dois movimentos: 1. levantamento bibliográfico da utilização do DSC em artigos disponibilizados em anais dos principais eventos da área de Ensino de

Ciências no Brasil; e 2. descrição de um exemplo, decorrente da aplicação dessa técnica em uma dissertação de mestrado, apresentada em 2019 no Programa de Pós-Graduação em Educação para Ciências, da Universidade Estadual Paulista.

Guarnieri faz um recorte de sua tese de doutorado (Guarnieri, 2022), na qual analisou as possíveis implicações das orientações curriculares, presentes na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e no Currículo Paulista, nas estratégias didáticas utilizadas por professores(as) da área de Ciências da Natureza do Ensino Médio, tendo como enfoque a abordagem histórico-filosófica dos conteúdos de Ciências. A autora defende a tese de que as concepções que os professores têm a respeito do currículo implicam diretamente em sua prática docente. No texto intitulado **Discurso do Sujeito Coletivo e sua contribuição para a compreensão de concepções sobre Currículo por professores(as) da Educação Básica**, a autora explora as representações sociais de um grupo de professores(as) que atuam na educação básica a respeito do currículo paulista, em vigor à época.

O texto intitulado **Representações sociais de graduandos(as) em Física a respeito da liberdade na pesquisa acadêmica**, de autoria de Lima, apresenta resultados de uma investigação realizada com um grupo de licenciandos em Física, abordando questões relativas à Natureza da Ciência. O recorte efetuado analisa as respostas dadas por 36 participantes ao serem expostos a uma charge que trata da liberdade na pesquisa acadêmica. O autor considera que explicitar essas RS se faz importante para compreender como futuros(as) professores(as) percebem e interpretam a natureza da Ciência em seu contexto social, contribuindo para reflexões críticas sobre a prática científica, suas restrições e possíveis formas de superação de desafios, bem como para a identificação de lacunas e oportunidades na formação e atuação desses futuros professores(as) e/ou pesquisadores(as).

Investigando as possibilidades dos usos de filmes comerciais enquanto recurso didático durante a formação inicial de professores(as), na perspectiva de aprimorar o desenvolvimento de conhecimentos didático-pedagógico de futuros(as) licenciandos(as) em Física, com foco nas relações entre Ciências, Tecnologia e sociedade, o autor Lucas Henrique Tavano, em seu texto intitulado **Os DSC relativos às concepções de Ciência de licenciandos(as) em Física em uma pesquisa sobre a utilização de filmes**

como recurso didático, apresenta um exemplo de utilização desse referencial metodológico a partir de um recorte de uma pesquisa, descrevendo como procedeu às análises de uma das questões propostas aos graduandos participantes, que versa sobre concepções de Ciência, após a realização de atividades relativas ao filme *Radioactive* (2019). O autor destaca o grande potencial de síntese dessa técnica de análise, independentemente da quantidade de dados, uma vez que ela visa buscar por aquilo que possa ter maior relevância coletiva para um determinado grupo de participantes.

Gebara e Cortela apresentam em seu capítulo, **Contribuições do Estágio de Docência em cursos de Pós-graduação na perspectiva de alunos(as) bolsistas**, as RS de doutorandos(as) e doutores(as), que foram bolsistas em um Programa de Pós-Graduação na área de Ensino de Ciências da Natureza e Matemática, entre os anos de 2005 e 2019. Como recorte, as autoras discutiram duas das questões presentes no questionário de pesquisa: a primeira diz respeito às contribuições do estágio de docência para a formação do docente no ensino superior; a segunda se refere às atividades que os participantes se consideram mais preparados para exercer no ensino superior: a pesquisa, o ensino, extensão ou as três.

Barbosa e Cortela exploraram em seu texto, **DSC de futuros(as) pedagogos(as) sobre as aprendizagens matemáticas obtidas no Ensino Fundamental e Médio: apontamentos teóricos e realidade**, as representações sociais de graduandos(as) de cursos de pedagogia de instituições pública e privada a respeito das dificuldades de ensino e de aprendizagem relativos aos conteúdos matemáticos. As autoras apontam que os discursos encontrados demonstram a presença de lacunas formativas no que diz respeito aos conteúdos matemáticos oriundos de outras etapas de escolarização (Ensino Fundamental e Médio). E que seus resultados dialogam com os referenciais teóricos que, há décadas, retratam essa mesma problemática que, como constatado, se repete com o passar dos tempos e impactam a forma como ensinam esses conteúdos.

Finalizando, Lozovoi e Cortela, no texto **Os impactos do distanciamento social na qualidade de vida de docentes e os principais pontos positivos de atividades de ensino virtuais**, trazem suas contribuições sobre o uso do DSC na análise das RS de 28 docentes universitários(as) que atuam como formadores(as) de professores(as) nos departamentos de

Física, Química, Biologia e Educação de uma universidade pública, a respeito das possibilidades e limitações do ensino virtual durante a pandemia. Por meio de dois questionários aplicados de forma *on-line*, as pesquisadoras captaram também informações a respeito da qualidade de vida desses profissionais em um momento tão singular e difícil que todos passamos durante a pandemia (2020-2022).



O DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO E SUAS CLASSES

Fernando Lefevre⁴

Compreendemos que o DSC é um modo de acessar, via pesquisa empírica, o pensamento de coletividades sobre um determinado tema. Acessar tal pensamento tem, aqui, um sentido estritamente descritivo. Ou seja, trata-se de fazer emergir, pela pesquisa empírica, o pensamento de um coletivo de sujeitos sobre um determinado assunto, como um dado de realidade.

Há diversos modos de acessar tal pensamento como dado de pesquisa, que poderíamos reduzir a dois. No primeiro, o tema investigado, objeto do pensamento da coletividade, é apresentado ao entrevistado na forma de questões com alternativas de resposta, às quais o respondente deve escolher. Por essa via, o referido tema é categorizado pelo(a) pesquisador(a), aparecendo sob a forma de classes de resposta; e o sujeito pesquisado tem como única tarefa pensante aderir a uma determinada classe (por exemplo, a dos que são contra a legalização do aborto, os que são favoráveis à pena de morte, entre outros), sendo esta coletividade pensante definida e instituída pelo conjunto dos que aderem a uma determinada classe.

O segundo modo de acessar o pensamento coletivo consiste em colocar o próprio indivíduo frente ao tema objeto da pesquisa, para que discorra narrativamente sobre ele, por meio de questões abertas. Nesse segundo modo, o pensamento coletivo se apresenta como uma narrativa coletiva, ou seja, como um conjunto de discursos de um coletivo de sujeitos sobre o tema, objeto da investigação. Esse modo é o foco maior do DSC.

4 Professor Titular da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo.
fernandoipdsc@gmail.com / <https://orcid.org/0000-0002-3864-8828>

Classe de indivíduos

É claro que o pensamento de coletividades acessado por este segundo modo, para ser considerado como objeto de pesquisa, precisa também passar por algum tipo de classificação. Não pode, evidentemente, ser um mero agregado de narrações individuais.

Mas, a classificação, no caso das questões abertas, diferentemente do que ocorre no primeiro modo, é feita a *posteriori*, a partir da análise do sentido das diversas respostas, reunindo, indutivamente, numa mesma categoria, aquelas respostas que apresentam sentido semelhante.

Tal classificação é possível porque pensamentos de coletividades, como produtos sociais, são entidades classificáveis na medida em que a Sociologia mostrou, claramente, que os indivíduos vivendo em uma dada sociedade pensam sobre problemas que os afetam com base em esquemas sociocognitivos, ou determinados modos de conhecer, presentes historicamente nas diversas formações sociais.

De modo geral, um das maneiras de constituir uma classe de indivíduos consiste em agrupá-los por atributos comuns. Por exemplo, a classe dos brasileiros que concluíram o ensino superior, ou dos que trabalham com carteira assinada, é composta por seres humanos que se equalizam pelo simples e único fato de serem brasileiros e de terem um diploma de ensino superior, ou por estarem vinculados a uma forma específica de contrato de trabalho.

A classe dos indivíduos pensantes, quando se trata de entrevistas com perguntas abertas, no entanto, é peculiar. Vejamos: essa classe é composta de indivíduos/agentes sociais, cujo pensamento apresenta semelhança semântica entre si. Mas, quem são esses indivíduos?

É uma pessoa/agente social cujo pensamento poderia ser personalizado e traduzido, como nesse exemplo: Eu (na qualidade de agente social, ou seja, brasileiro, professor universitário, gênero masculino, heterossexual, de classe média, entre outros aspectos) penso que as mulheres, como seres humanos, devem ter os mesmos direitos que os homens (ou seja, podem escolher ter filhos ou não, entre outros).

O pensamento de uma coletividade ou de uma classe de seres pensantes deveria ser, então, composta de conjuntos como o exemplificado

anteriormente, ou seja, conjuntos do tipo: ‘eu penso que...’, ‘na minha opinião...’, entre outros. Assim, fica ao pesquisador a tarefa de encontrar uma fórmula de expressar cada conjunto semanticamente semelhante desses ‘eu penso que...’, no registro coletivo.

Será preciso, então, criar uma classe de ‘eu penso que...’, ou seja, instituir para cada conjunto de pensamentos que apresente sentido semelhante, uma classe que sintetize toda a variedade de conteúdos semelhantes presente nas respostas individuais.

Assim, o pensamento coletivo classificado se transforma numa variável de pesquisa, numa classe equivalente, por exemplo a: de nível de instrução, de renda, nacionalidade, entre outros.

Mas se trata de uma classe especial de variável. De fato, se num contexto de pesquisa empírica, variáveis como nível de instrução, renda, nacionalidade são (ou podem ser) vistas como coisas, o mesmo não ocorre exatamente com o pensamento de uma coletividade de sujeitos sociais.

De fato, um pensamento como objeto de uma pesquisa em que se deseja saber ou conhecer, por meio de questões abertas, as opiniões ou posicionamentos de indivíduos ou sujeitos sociais comuns sobre temas que os afetam, é um discurso. Dessa forma, um pensamento de um coletivo de indivíduos que pensam de modo semelhante deveria ser um discurso coletivo.

Classe de discursos

O que seria o tal discurso coletivo? Seria um conjunto composto pelos discursos presentes nas respostas individuais a uma pergunta de pesquisa, que apresentam sentido semelhante.

Tal conjunto, produto de um coletivo de indivíduos que pensam de modo semelhante, constitui uma determinada classe de discurso, ou uma dada reunião de elementos discursivos (palavras, frases, argumentos e tudo mais), na forma de conteúdos, de discursos individuais que apresentam, entre si, sentidos semelhantes.

Juntando estes elementos, teríamos a coletividade como sujeito de um discurso, de um determinado posicionamento, ou seja, de um ‘eu penso que...’ coletivo.

Como um ‘eu penso que...’ na escala coletiva, as individualidades discursivas, ou seja, os conteúdos semelhantes dos discursos individuais, precisam compor uma supraunidade, um supradiscurso, e, como tal, não pode ser um mero agregado de conteúdos semelhantes, mas precisa ter, ele próprio, a forma de uma história comum, de um único discurso.

Trata-se, então, de tecer ou encadear os conteúdos das diversas respostas que apresentam sentido semelhante, tendo em vista produzir um todo discursivo unitário e homogêneo. E esse representa um dado posicionamento, opinião ou o pensamento de um sujeito coletivo de discurso, ou seja, de um ‘eu coletivo’.

Esse ‘eu coletivo’, ou coletividade de pessoas comuns que pensam de modo semelhante sobre um dado tema, constitui um conjunto: o dos indivíduos que representam ou percebem o tema da pesquisa, basicamente, do mesmo modo. E, caso o nome dado a essa percepção comum for adequado, todos os elementos pertencem a esse conjunto.

Identificar, por meio de uma categoria, esse sentido geral comum é claramente útil à medida que a categoria fornece uma visão sintética do pensamento de uma coletividade, permitindo, no que concerne à representação social, individualizá-la.

Mas, concretamente, substantivamente, uma coletividade que pensa de modo semelhante não é completamente homogênea: há detalhes, nuances, particularidades, especificidades presentes nas respostas individuais a uma pergunta de pesquisa, que precisam ser resgatadas, permitindo esclarecer, analiticamente, o sentido de uma representação na escala coletiva.

A coletividade que pensa de modo semelhante é um conjunto de ‘eus’ e para viabilizar tal conjunto, os ‘eus’ precisam se fundir num único ‘eu’, que enuncia uma história ou um depoimento comum compartilhado. Cada DSC é então um tecido discursivo elaborado pelo pesquisador a partir de segmentos das respostas individuais que apresentam sentidos semelhantes, dando lugar a uma narrativa verossímil, que tem a aparência de um discurso proferido por um único indivíduo.

Por esse expediente uma coletividade consegue expressar diretamente seu pensamento, de forma discursiva/narrativa. Se os indivíduos pensam sempre discursivamente, a expressão do pensamento de uma comunidade

de indivíduos pensantes deveria manter a mesma forma discursivo/narrativa. Essa tem sido a proposta do Discurso do Sujeito Coletivo.

Classe de elementos semelhantes

Um DSC é uma narração ampliada, formada por diferentes elementos de uma mesma história comum, atributos de um coletivo de seres que pensam de modo semelhante. O pensamento de um coletivo de indivíduos, resgatado por uma pesquisa empírica, é composto por diferentes DSC, que espelham, cada um, diferentes sentidos atribuídos por essa coletividade sobre temas que lhe afetam.

Num dado DSC, os elementos (palavras, frases, argumentos, presentes nas diferentes respostas semelhantes dos entrevistados) que formam o conjunto são submetidos a dois processos antagônicos: por um lado, suas diferenças são desconsideradas em favor da categoria, que nomeia a semelhança entre os elementos; por outro, são positivamente consideradas na medida em que vão constituir os elementos de uma só cadeia narrativa.

Uma determinada pesquisa, com o método do Discurso do Sujeito Coletivo, vai gerar como produto final tantos DSC quantas forem as diferentes respostas às perguntas de pesquisa, em termos de significados.

Vamos supor que a pesquisa tenha perguntas abertas sobre o que o entrevistado pensa sobre violência doméstica no Brasil de hoje, e que a primeira pergunta tenha gerado três sentidos distintos, a segunda dois e a terceira quatro. Teremos, então, nove sentidos distintos atribuídos à questão da violência doméstica no Brasil, cada um deles com seu correspondente DSC.

Cada DSC é uma unidade ‘qualiquanti’ porque, qualitativamente apresenta-se como uma narração, um relato, uma história e porque, quantitativamente, cada DSC apresenta um determinado peso ou frequência relativa, que traduz a quantidade e possíveis diferenciações entre os indivíduos, cujas respostas foram usadas para compor o DSC, sobre o total de indivíduos entrevistados.

Assim, usando o exemplo anteriormente, diríamos que o Sujeito Coletivo Global desta pesquisa é o complexo de nove Sujeitos Coletivos distribuídos pelas três perguntas da pesquisa.

Um quebra-cabeças peculiar

Cada DSC é uma história, ou relato compartilhado, composto com os elementos ou conteúdos dos excertos de cada resposta que apresenta sentidos semelhantes. Esses conteúdos são como peças de um quebra-cabeças que, reunidas, formam um determinado desenho. No caso, uma história comum relatada na primeira pessoa do singular, que, por isso, tem a aparência de uma história individual.

O quebra-cabeças do DSC é peculiar porque apresenta três distintos tipos de peças: as necessárias, as repetidas e as muito particulares.

As necessárias são todas as palavras, sentenças, argumentos, entre outros elementos, que, reunidos, irão compor a narrativa do DSC; as peças repetidas são as mesmas (ou muito semelhantes) palavras, sentenças, que aparecem em diferentes respostas e que, por isso, podem ser desprezadas; e as muito particulares são detalhes de locais, datas, circunstâncias, que podem ser omitidos ou padronizados (sexo, por exemplo), sem prejuízo do sentido global da história.

Uma história convincente

O Discurso do Sujeito Coletivo é um recurso de pesquisa com vistas a explicitar os resultados de uma investigação de tal forma que produzam, no leitor, a sensação de que se trata de uma pessoa falando, verbalizando sua opinião. Ou seja, o produto tem que parecer um depoimento opinativo de um indivíduo.

Para tanto é preciso usar certos recursos narrativos destinados a produzir o que se chama de coesão discursiva (notadamente conjunções), para evitar a impressão de uma mera soma de conteúdos. Ou seja, o DSC apresenta também uma dimensão estética, que é importante na produção no leitor da sensação de uma pessoa falando. Esta costura narrativa é possível porque os elementos ou conteúdos de cada resposta individual são semanticamente semelhantes.